

# FOGO QUE ARDE SEM SE VER

Uma homenagem à obra *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago

Por  
Augusto Octávio Várzea

Concurso de Escrita Criativa da FEUP

Link para forma original da obra: <https://h4przdv5.play.borogove.io/>

## COMO JOGAR?

Escolhas são uma forma de lutar contra a tirania do texto. Fazer escolhas nesta história interativa é um processo simples: quando dados dois capítulos a escolher, o leitor meramente tem de se dirigir a esse capítulo clicando nele, indicado desta forma [Capítulo X] ou desta forma [Capítulo Y].

Para vivenciar este texto na sua forma alvo, o leitor pode seguir o link que se encontra na página de capa.

## 1

Quer o disco amarelo brilhasse ou não, a branquidão era a mesma, um clarão de luz escura que nunca desaparecia. Por momentos, o exterior pareceu quente, sinais do brilho do disco há longos meses escondido, mas o vento cortante e frígido de seguida fez do dia noite. Para os cegos, o dia não era feito da luz do sol, mas sim do seu calor, do cantar das aves, de brisas singelas. Quando a neve se instalava como um animal que envolve as suas crias, não havia calor que trouxesse o dia. A única fonte de calor nela era o sangue morto que penetrava as suas luvas, era o seu próprio corpo em esforço para arrastar um cadáver em arrefecimento. Um cadáver furado, baleado, destruído, desperdiçado. *Rigor mortis*.

A depressão no chão onde a bibliotecária deixava os mortos ficava a trezentos e catorze passos da entrada da biblioteca. Apesar de o frio manter a podridão selada, era o frio que a fazia matar. A primavera, quando chegasse, não traria o cheiro da renovação da vida, mas sim das vidas perdidas, gases libertando, a carne pútrida feita pasta e fertilizante. A bibliotecária largou o corpo no buraco. Não queimasses, disse ela em vão e a ninguém. Cego só ouve, mas cego só nunca será ouvido.

Na biblioteca, tão fria quanto o exterior, o cheiro a livro queimado era ubíquo. Se um dia a cegueira se tornasse um assunto do passado, livros deixariam de ser lenha. Era triste como a vida humana era efémera, despedaçada por pólvora, selada por frio. O espírito humano preservado entre papel, por outro lado, era arruinado apenas por fogo. O fogo levava tudo: o frio, o cego, o que vê, o livro, a morte. Se ao menos o fogo levasse a cegueira, pensou a bibliotecária, talvez a biblioteca não cheirasse também a sangue e ventre [Capítulo 2].

## 2

Um colchão de solteiro, uma cornucópia de trapos e edredões, e um canto entre as secções de teologia e filologia clássica. A bibliotecária acordou a tremer, já era hábito, já não a chateava. Nem me aquece nem me arrefece, disse ela a si mesma, mas não foi bem a si mesma pois ela não estava sozinha. Cheirava a queimado. Chamas estalavam.

Apenas uma mão ia no gatilho quando ela se levantou, a outra guiava-a pelos contornos das prateleiras. Os seus pés seguiam firmes e leves, silenciosos. Ser apanhada de surpresa poderia significar a sua morte que, apesar de bem-vinda, significaria também o fim da biblioteca. Um cego inocente e ingénuo nas pregas do frio eventualmente queimaria este refúgio, este último monumento contra a ditadura dos cegos.

Duas vozes. Uma menina, criança ainda, e um adulto, um homem com a voz feita em peso de tabaco. A menina falava, Se calhar estava aí escrito, e respondeu o homem, Aí onde, Num dos livros que arde, ela disse. Já te disse que não há palavra para quem vê, só para quem não vê, o homem explicou, Mas isso não faz sentido nenhum, a menina protestou, Devia existir uma palavra para aquele que vê. O homem suspirou e ouviu-se o som de outro livro a cair entre as chamas, E há, filha, disse ele, Existe a palavra Eu e a palavra Nós, e a palavra Homem e a palavra Pessoa, porque dantes o Homem via.

A bibliotecária não esperou que outro livro acabasse no colo do fogo. Ela carregou a espingarda, o seu som uma sentença, uma guilhotina de pólvora. Apesar de cega, a sua pontaria de ouvido e a extensão dos estilhaços das suas balas eram o suficiente para os matar. O seu indicador pesou contra o gatilho. A decisão era entre disparar já [Capítulo 3] e proteger a biblioteca, ou proteger a hipótese de proteger duas vidas [Capítulo 4].

## 3

O gatilho afundou, a espingarda empurrou contra o seu peito, contra a cruz que a bibliotecária usava ao pescoço, e o cheiro pungente da pólvora sobrepôs-se ao odor de celulose a arder. O homem caiu de imediato, uma vida transmutada num pedaço de carne que, inerte, chegou ao chão como qualquer outro objeto inanimado. A menina quis gritar. Ela quis, ela tentou, mas tudo o que saiu foi um suspiro rasgado e interrompido por sangue que fluía no sentido errado, por vias erradas. A bibliotecária veria vermelho, mas tudo o que os seus olhos lhe mostravam era a impenetrável e justa branquidão. **[Fim]**

## 4

O preparar da arma trouxe silêncio à biblioteca, silêncio esse quebrado pelo engolir em seco do homem. Estamos com os braços no ar, disse ele, Por favor não nos mate, não queremos problemas, Então ponham-se daqui para fora antes que peguem fogo à biblioteca, Senhora, temos frio, Também eu, mas não estou para conversinhas mansas, apaguem o fogo e metam-se daqui para fora senão encho-vos de chumbo. Lá no fundo torpor da sua alma, a bibliotecária questionou-se se seria capaz de premir o gatilho, exatamente da mesma forma que ela foi capaz incontáveis vezes antes.

Longe, o homem e a menina falavam, imploravam, mas quem ouvia? Por instantes, ela ponderou ouvir o homem [Capítulo 5], dar-lhe uma chance, deixá-lo mudá-la, deixá-lo absolver os seus pecados na vã esperança de que isso fosse fazer o poço dos mortos desaparecer. Por instantes, ela ponderou despachar o mundo [Capítulo 6], e então afirmou a sua mira cega.

## 5

Por favor, chorava o homem, Por favor, Por favor, voltar lá para fora é morrer, Não quero saber, se ficarem aqui é para voltarem a queimar alguma coisa, por isso fora, já, Tenha piedade, mulher, E tenho, porque se não tivesse já não estavam vivos para falar. Se formos lá para fora vamos congelar, senhora, disse a menina, Eu ainda não congelei, a bibliotecária disse, Mas o seu coração já, a menina respondeu e seguidamente sussurrou, Pai, ela não está a baixar a arma, vamos embora.

Um suspiro travou-se na sua garganta. A sua filha consegue ver, a bibliotecária perguntou. Fez-se uma pausa, uns instantes de larga escala em que todo o tempo do universo caberia, e o homem respondeu, perguntando, Acha que alguém vê neste mundo.

O seu dedo tremeu no gatilho [Capítulo 6] e, com uma força impingida por Tártaro, ela conseguiu repetir contra tudo o que é humano [Capítulo 7], Quero-vos fora daqui.

## 6

A hesitação revelou-se um traço fatal. A bibliotecária ouviu passos, largos e decididos, uma brisa de ar pesado com suor e sabe-se lá que outros odores, e uma mão embateu contra a sua cintura. De repente um braço colidiu com o seu pescoço, e a bibliotecária foi empurrada contra uma prateleira. Livros caíram como granizo numa tempestade. A mão do homem cerrou-se no pescoço da bibliotecária, e por cima do respirar esforçado dele, ela ouviu o seu próprio coração, o pulsar do seu sangue, os lamentos da sua garganta fechada.

A espingarda ao menos não tinha caído. Lentamente, ela endireitou a arma ao mesmo tempo que a sua consciência enturvava e a branquidão era invadida por um profundo e negro vácuo. Pai, cuidado, gritou a menina de longe, A pistola, cuidado. A bibliotecária há muito que tinha sacrificado a sua vida por estes livros, por estes pedaços do engenho humano. Ela tinha feito o suficiente [Capítulo 8]. Ainda assim, ela empenhou a arma até que sentiu o seu gargalo a tocar em carne macia [Capítulo 9].

## 7

Não houve palavras de despedida nem desejos de bonança. O homem pisou a pequena fogueira de livros agora arruinados até que esta se apagou e fez o seu caminho para a porta. Espero que saiba que nos está a matar, disse mesmo antes de sair, e os seus passos foram acompanhados pela briza gelada do exterior. A bibliotecária sabia sim que os estava a condenar à lenta e sádica morte do frio. No entanto, a negociação era essa, preservar a humanidade em troca de humanos concretos, já vivos. Ao longo dessa troca, ela havia-se tornado algo desumano. Algo que não merecia ser visto [Fim].

## 8

A sua força falhou, a espingarda caiu, o som da queda distante, numa outra vida. Tudo que a bibliotecária via era branco, o branco da neve cujo frio chegava a cada osso e articulação. A garra do homem era inquebrável, respirar era impossível, morrer era certo, e nada a podia aliviar mais. Ela acabaria no poço dos mortos, mais um entre tantos que ela lá meteu. O frio apoderou-se dela e, com um último sorriso, ela fechou os olhos. Até que enfim, ela não viu branco, mas a escuridão que esperava do outro lado. **[Fim]**

## 9

Pai, gritou a menina. Talvez ela tenha gritado para a bibliotecária parar, para o pai fugir, ou para Deus ouvir. No fim, a bibliotecária não parou, o pai não fugiu, e Deus, além de cego, decidiu fazer-se de surdo. Houve um estrondo que cegou os ouvidos de todos, o sopro pungente da pólvora, as gotas quentes de sangue, e os gemidos dos que vivem e estão prestes a morrer. A bibliotecária caiu a arfar e tossir como se respirasse pela primeira vez. A sua garganta era fogo, a sua cabeça um oceano imóvel.

Quando a bibliotecária acordou novamente, ela chamou, Está alguém aí, mas ninguém respondeu. Na biblioteca só restava ela e o morto e a ausência da menina. Mais uma vez, ela pôs as luvas, ásperas com manchas de sangue seco, e arrastou um morto para longe. Longe dos olhos, longe do coração. [Fim]

FIM

A obra terminou.